

FILOSOFIA HELENÍSTICA E O ENCONTRO

COM A CULTURA DO MÉDIO CRESCENTE:

O DIÁLOGO DE DANIEL COM AS ESCOLAS

EPICURISTA E ESTOICA*

Ágabo Borges de Sousa**

Resumo: a presença helenística no Médio Crescente não se limitou a um domínio político-econômico, foi, muito mais, um domínio ideológico/cultural. Por isso houve algumas reações muito intensas e importantes, como o movimento apocalíptico, que reagia à proposta do modus vivendi helenístico. Um dos pontos importantes foi a reação às filosofias da época, especialmente das escolas epicuristas e estoicas cujas ideias são levadas para o oriente através do domínio naquela região. Apesar do que alguns pensam as propostas filosóficas encontraram reação nos textos de Daniel.

Palavras-chave: Helenismo. Epicurismo. Estoicismo. Daniel. Apocalíptico.

É necessário começar delimitando a visão histórica proposta neste texto, pois a palavra “helenística” designa, tradicionalmente, o período da história grega que se estende de Alexandre Magno, o Macedônio, até a dominação romana, portanto do fim do século IV a.C. ao fim do século I a.C. Contudo, o interesse, aqui, está voltado ao século II a.C. Além disso, não se deve pensar no todo da expansão do domínio alexandrino, mas, bem especificamente, no Médio Crescente, antigo território de Judá e Israel, hoje Estado de Israel, Líbano e sul da Síria.

Ainda, nos esclarecimentos da delimitação, é preciso informar que serão usados os documentos apocalípticos do Livro de Daniel, que será entendido como uma

* Recebido em: 15.06.2013. Aprovado em: 22.07.2013. Texto apresentado originalmente no Seminário Helenismo no Médio Crescente e o Pensamento Ocidental. NEF/UEFS, Orácula/UMESP, com apoio da UEFS e da FAPESB.

** Doutor em Teologia pela Kirchliche Hochschule Bethel (Bielefeld, Alemanha). Professor Adjunto de Filosofia Geral na Universidade Estadual de Feira de Santana. *E-mail*: dr_agabo@hotmail.com.

reação ideológico-cultural da influência helênica e seu modo de pensar, sobretudo seu *modus vivendi*.

A despeito de como alguns historiadores querem perceber a filosofia helenística, vendo-a como fruto do período de decadência da civilização grega, 1) por causa da perda de sua pureza, em função do contato com o Oriente; 2) por causado fim da *polis* e a passagem de um regime democrático para um regime monárquico; 3) por causa, ainda, do aparente abandono do olhar especulativo próprios de Platão e Aristóteles na esperança de formar homens políticos, capazes de transformar a cidade, a *polis*; concordo com Pierre Hadot (2011), quando diz que foi um período extremamente profícuo nas ciências, atividades culturais, políticas, religiosas e mesmo atléticas. As mudanças no olhar filosófico, que alguns podem considerar negativos, trouxeram uma transformação de eixo extremamente importante para o pensamento ocidental. Giordanni Reale (1994) chama a atenção de que, é neste período, que há uma ruptura da identificação do homem e cidadão, quando sua afirmação identitária deixa de ser o cidadão, o partícipe da *polis*, e passa a ser o “indivíduo”:

O homem, não podendo mais pedir à Cidade, ao ethos do Estado e aos seus valores, os conteúdos da própria vida, foi coagido, pela força dos acontecimentos, a fechar-se em si mesmo, a buscar no seu íntimo novas energias, novos conteúdos morais e novas metas pelas quais viver. Assim o homem descobriu-se como indivíduo (REALE, 1994, p. 7).

A educação cívica do período clássico tinha o interesse de formar o cidadão, mas a cultura do período helenístico forjou um olhar pessoal e subjetivo para o ser humano, ao que Reale chama de “indivíduo”.¹

É, contudo, equivocado pensar que os filósofos helenísticos não se importaram com as questões da política, pois muitos deles desempenhavam o papel de conselheiro dos príncipes, ou eram embaixadores de uma determinada cidade, portanto não era um olhar do indivíduo abstraindo-o totalmente de seus condicionamentos reais de vivência, mas um retorno à proposta socrática de filosofia, que a percebia como a “arte de viver”, ou seja como sabedoria prática.

A filosofia helenística deixa de ser fundamentalmente especulativa para se tornar uma proposta de um *modus vivendi*. Apesar das diferenças das propostas filosóficas deste período podemos dizer que havia um denominador comum entre elas, que era o fato de todos os sistemas considerarem como verdadeiro filósofo apenas aqueles que eram capazes de realizar a coerência entre sua doutrina e a vida, ou seja entre a teoria e sua maneira de viver e de morrer. Filósofo, portanto, não é aquele que consegue construir um sistema, mas quem sabe viver e morrer em acordo com seu sistema, assim, sistema de ideias e siste-

ma de vida devem estar em perfeita sintonia para identificar alguém como filósofo. É este aspecto da filosofia helenística que a aproximou, sobretudo, das religiões orientais, quando do contato com elas a partir das conquistas de Alexandre e mais tarde com o estabelecimento dos reinos selêucidas e ptolomaicos.

Faremos ainda um recorte no nosso interesse neste momento, pois não podemos entrar na discussão em torno da compreensão de escola na Grécia antiga. Poderíamos pensar em escola 1) como tendência doutrinária; 2) como espaço efetivo de ensino, ou, mesmo, 3) como instituição permanente organizada por um fundador, que possibilita uma vivência comum. A rigor entre os séculos IV e I a.C. há quatro escolas em Atenas “que assumiram, de um modo ou de outro, uma forma institucional e tiveram, de maneira geral, métodos análogos de ensino.” (HADOT, 2011, p. 153). Estas escolas foram a Academia, fundada por Platão; o Liceu, fundado por Aristóteles; o Jardim, fundado por Epicuro e a *Stoa Poikilê* (Pórtico), fundada por Zenão. O Ceticismo, também conhecido como Pirrorismo e o Cinismo não têm organização escolar, mas são dois modos de vida que influenciaram grandemente o período helenístico, mesmo porque Pirro, proponente máximo do ceticismo, acompanhou Alexandre na expedição para o Oriente. Para evitar, neste momento, a discussão da identidade da *haíresis* (eleição ou escolha) como escola, sem limitá-la a atitudes de pensamento e de vida, como podemos compreender o Ceticismo e o Cinismo, vamos relacionar, apenas, as escolas Epicurista e Estoica na nossa reflexão, deixando outras linhas de pensamento helenísticas para outra oportunidade.

A FILOSOFIA NO MÉDIO CRESCENTE

Podemos dizer que a presença da filosofia helenística no Médio Crescente é uma consequência natural do condicionamento sócio-político que se instalou no entorno do Mediterrâneo com as conquistas de Alexandre. Se lembrarmos que a ideia de um império universal helênico implicava em levar para os povos dominados sua forma de expressão cultural, incluindo, especialmente, o uso da língua grega e com ela muitos dos conceitos próprios da visão de mundo helênico, não podemos deixar de afirmar que o Médio Crescente sofreu uma grande influência do *modus vivendi* helênico, conseqüentemente sua filosofia, que regia a forma de perceber o mundo. Tcherikover (1959) ressalta que a helenização abrangeu o Médio Crescente por todos os lados, destacando trinta cidades, que ele classifica como cidades gregas. Há indícios suficientes para afirmarmos que a presença helênica no Médio Crescente tomou proporções maiores do que podemos imaginar. Em Bet Shean, por exemplo, foram encontrados restos de um templo de Dionísio e Jerusalém se tornou uma cidade

grega com arenas esportivas e teatro. Com a proposta da cultura helênica vem sua visão de mundo e suas diversas propostas filosóficas. Temos, ainda, que mencionar que um dos mais importantes epicuristas posteriores a Epicuro foi Filodemo de Gadara (c. 110-40/35 a.C.), que era filho de uma das cidades de Decápolis, no Médio Crescente, autor de importantes epigramas. Os textos gregos da biblioteca da Vila dos Papiros de Herculano “são todos filosóficos, e a maioria deles é de Filodemo” (CLAY, 2011, p. 24-5). Achar que isso não teria nenhuma ressonância no Médio Crescente é, a meu ver, fechar os olhos para a realidade própria daquela época e a presença forte do helenismo nos territórios dominados.

A tradução grega dos textos da cultura hebraica, que chamamos de LXX (Septuaginta), foi, sem dúvida, outro fator importante da helenização do judaísmo, não apenas para os judeus da Diáspora, como os de Alexandria ou Elefantina, mas, também, para os do Médio Crescente. Contudo, o acesso à língua grega, que vinha transformando a visão hebraica dos escritos identitários desta cultura, não vinha desacompanhado dos ensinamentos filosóficos daquela época, mesmo porque a filosofia deixava a segregação de classes da Grécia clássica para um olhar universalizante do ser humano, tendo, por exemplo, Alexandre em 331 a.C. mandado “instruir milhares de jovens bárbaros com base nos cânones da cultura grega, adestrando-os na arte da guerra, a fim de dispor de novas e juvenis forças de reposição.” (REALE, 1994, p. 9). Isto lembra os relatos de Daniel 1. Isto apenas já seria razão suficiente para percebermos que a filosofia helenística chega com certa força ao Médio Crescente, mas, além disso, Reale (1994, p.11) ressalta, com razão, que os filósofos deste período eram substancialmente moralista, pregadores de um credo ético, que, segundo ele, eram “a seu modo, apóstolos e missionários”. Koester (1987) apresenta as escolas filosóficas deste período como religião filosófica e isso torna mais fácil perceber os conflitos desencadeados na sociedade judaica do Médio Crescente e a filosofia helenística.

É neste período que surge um movimento, literariamente fecundo, que é o movimento apocalíptico. Apenas para citar alguns destes textos: Daniel, o mais antigo e mais influente apocalipse do período helênico; 1 Enoque; a Ascensão de Moisés; o Rolo das Guerras (Qumran); o Testamento dos Doze Patriarcas; o Manual de Disciplina e o Documento de Damasco; Comentários ou *peshers* dos Essênios, além das coleções de hinos como os *Hodyot* e os Salmos de Salomão.

Este movimento vai fazer frente a vários aspectos da dominação helenística helenizante no Médio Crescente, tentando responder a alguns questionamentos ou fazer frente a algumas posições, que vemos refletidas na vida do povo, mas cuja base é o pensar filosófico do período, que chega com força de domínio aos povos do entorno do Mediterrâneo.

DANIEL E AS ESCOLAS

As propostas epicuristas e o livro de Daniel

Gostaríamos de nos voltar para o conteúdo da escola Epicurista, sem considerar os dados históricos, que entendo, neste momento, periféricos, pois é do conhecimento comum de que esta escola foi fundada por volta do ano 306 a.C. e se manteve por vários séculos, atravessando todo o período helenístico.

O Epicurismo parte do princípio de que há uma experiência e uma escolha. A experiência é a da “carne” (*sarka*), porém, não como a parte anatômica do corpo, mas enquanto sujeito da dor e do prazer, pois para Epicuro não há outro meio de manifestar o ser humano. É somente na “carne” que sofre ou se apazigua o nosso “eu”. É nela que emerge o “eu” e se revela a si mesmo e ao outro. Neste sentido, os maiores atos de caridade estão ligados à carne saciando a fome, matando a sede, cuidando das feridas etc.

“A ‘carne’ não está, então, separada da ‘alma’, se é verdade que não há prazer ou sofrimento sem que se tenha consciência e sem que o estado da consciência se reproduza, por sua vez na ‘carne’” (HADOT, 2011, p. 170-1). Para Epicuro o ser humano, para ele “indivíduo”, é movido apenas pela procura de seu prazer e de seu interesse, sendo o existir o único prazer verdadeiro. A ignorância deste verdadeiro prazer gera toda a infelicidade. Epicuro distingue o prazer em movimento, ou móvel, e o prazer em repouso, o prazer estável, como um estado de equilíbrio, que seria o estado do corpo apaziguado e sem sofrimento, que consiste em não ter fome, nem sede, nem frio e etc.: “Nessa perspectiva, o prazer, como suspensão do sofrimento, é um absoluto, isto é, que não pode crescer, ao qual não se pode acrescentar um novo prazer.” (HADOT, 2011, p. 172). Para se alcançar esse prazer estável, o ser humano deverá viver uma ascese de seus desejos, pois sua infelicidade consiste em ser dominado por seus desejos “imensos e vazios” (a riqueza, a luxúria, a dominação). A principal ameaça que pesa sobre a felicidade do ser humano é o medo da morte.²

Neste ponto já podemos perceber a crítica do livro de Daniel em três episódios, nos quais o tema da morte aparece como uma ameaça para os sábios. O primeiro está em Dn 2 com o desafio do rei estrangeiro em descrever o sonho e interpretá-lo. Neste episódio é estabelecido o perigo para todos os sábios caldeus. Daniel recebe a revelação eliminando a ameaça, conseqüentemente, o medo da morte, do qual ele e seus amigos não foram acometidos:

Então o rei muito se irou e enfureceu, e ordenou que matassem a todos os sábios de Babilônia. Saiu pois, o decreto segundo o qual deviam ser mortos todos os sábios; e buscaram a Daniel e seus companheiros, para que fossem mortos.

Então Daniel falou avisada e prudentemente a Arioque, capitão da guarda do rei, que tinha saído para matar os sábios da Babilônia (Dn 2,12-14).

O texto descreve a violenta ameaça com o uso de *pael* e *hitpeel* do verbo *ljq*, contudo na resposta de Daniel ressalta seu “bom senso” e prudência (~[ej.], que a LXX e Theodocius traduzem por *gnw,mhn*, propósito, opinião, conhecimento prévio.

O segundo episódio é o da fornalha, quando os amigos de Daniel são ameaçados de serem mortos queimados, por descumprirem a ordem real de se curvar à estátua do imperador. Estes não ficam perturbados e assumem possibilidade da morte por decisão, por escolha. O terceiro episódio é o da cova dos leões, que mais uma vez não apresenta o condenado inquieto ou perturbado pelo medo, mas confiante e seguro. As compreensões de morte do epicurismo e do movimento apocalíptico serão um ponto importante para uma reação contrária à proposta do *modus vivendi* desta escola no Médio Crescente.

Para o epicurismo, o universo é um sistema de movimento contínuo e eterno dos átomos no vazio. Isso implica em dizer que “o Todo não tem necessidade de ser criado por uma potência divina, pois é eterno, porquanto o ser não pode ser proveniente do não-ser mais que o não-ser não pode ser proveniente do ser.” (HADOT, 2011, p. 177). Os átomos seguem um movimento de cima para baixo em linha reta de acordo com seu peso. A união dos átomos em mesma trajetória forma os corpos, mas há possibilidades de desvios, o que fundamenta o “acaso” na necessidade, dando ao ser humano a liberdade. Os átomos possuem, então, um princípio de espontaneidade interna, que faculta-os desviar-se de sua trajetória, fundamentando assim a liberdade do querer. Esta física possibilita a afirmação fundamental de que a morte representa a negação do ser. “A morte não tem nada a ver conosco, justamente porque quando existimos a morte não está presente e quando a morte está presente, então, nós não existimos” (EPICURO *apud* VARA, 2012, p. 88).

O movimento apocalíptico de Daniel irá reagir contra esta ideia, introduzindo a compreensão de ressurreição. Mesmo porque a morte não é o fim do ser, porém uma espécie de intervalo de existência, considerando a vida a partir dos parâmetros de um compromisso com a Divindade. “E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna e outros para vergonha e desprezo eternos” (Dn 12,2).

Além do mais, a compreensão de que nos bastamos a nós mesmos é refutada pelo movimento, como elemento lógico, já que o epicurismo coloca a carne como único interlocutor entre o ser e o mundo. “A coisa que o rei requer é difícil e ninguém há que possa declarar ao rei, senão os deuses cuja morada não é com a carne mortal” (Dn 2,11).

Para o epicurismo há deuses, mas não há nenhuma ação sobre o mundo humano e nisso consiste sua condição de perfeição. “O ser bem-aventurado e imortal não tem incômodos nem os produz aos outros, nem é possuído de iras ou de benevolências, pois é no fraco que se encontra qualquer coisa de natureza semelhante.” (EPICURO, 1980, p.13). Epicuro insiste na dissociação do divino com tudo quanto é natural, por isso afirma: “Para a explicação dos fenômenos naturais não se deve recorrer nunca à natureza divina; antes, deve-se conservá-la livre de toda tarefa e em sua completa bem-aventurança.” (EPICURO, 1980, p. 15) Este questionamento é respondido em vários momentos importantes nos contos de corte, pois o Deus de Daniel se envolve diretamente na história.³ O livro de Daniel apresenta seu princípio teológico no episódio do capítulo dois:

Disse Daniel: Seja bendito o nome de Deus para todo o sempre, porque são dele a sabedoria e a força. Ele muda os tempos e as estações; ele remove os reis e estabelece os reis; é ele quem dá a sabedoria aos sábios e o entendimento aos entendidos. Ele revela o profundo e o escondido; conhece o que está nas trevas e com ele mora a luz (Dn 2,20-22).

Este é o fundamento teológico do movimento apocalíptico que serve de base para todos os outros elementos, inclusive para a compreensão de história, bem como para a condição humana de lidar com os distúrbios e dificuldades da existência, pois até mesmo o conhecimento e sabedoria estão ligados a esta compreensão. É essa teologia que possibilita os amigos de Daniel dar a resposta ao rei: “Eis que o nosso Deus, a quem nós servimos, pode nos livrar da fornalha de fogo ardente; e ele nos livrará da tua mão, ó rei. Mas, se não, fica sabendo, o rei que não serviremos a teus deuses nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste” (Dn 3,17-18). É a dádiva do conhecimento de Deus que possibilita os amigos a esta postura de tranquilidade e segurança diante da ameaça da vida.

O epicurismo propõe que para se chegar a um nível de “cura da alma” e uma vida de escolha fundamental é necessário mais que o conhecimento do discurso filosófico, mas também o exercício contínuo na busca desta condição. Isto se dá primeiramente pela meditação, que seria a tomada de consciência intensa do que é fundamental para a existência. “Assim pois pratica dia e noite estes ensinamentos comigo mesmo e com teu companheiro igual a ti e, jamais, nem a vida real nem os sonhos te perturbarão, mas viverás como um deus entre os homens” (EPICURO *apud* VARA, 2012, p. 92).

Claramente os textos de contos de corte vão discutir as perturbações dos sonhos, destacando o fato de que o rei estrangeiro é quem sofre, pois o Deus de Daniel abre o oculto e o escondido para o sábio, que o ama. Para se atingir a *aponia*

(ausência de dor no corpo, na carne) e a *ataraxia* (falta de perturbação na alma) precisa do exercício que leva o ser humano ao ideal do sábio. O epicurismo irá apresentar o remédio quádruplo para este fim, mostrando:

1. que são vãos os temores em relação aos deuses e ao além, 2. que pavor em relação à morte é absurdo, pois ela não é nada, 3. que o prazer, quando entendemos corretamente está à disposição de todos e 4. que o mal dura pouco ou é facilmente suportável (REALE, 1990, p. 249-50)

O movimento apocalíptico estabelece como princípio para vencer o temor entregar o coração à compreensão e curvar-se diante da face de Deus: “Então me disse: Não temas Daniel; porque desde o primeiro dia em que aplicaste o teu coração a compreender e a humilhar-se perante o teu Deus, são ouvidas as tuas palavras, e por causa das tuas palavras eu vim.” (Dn 10,12). Para o livro de Daniel, o descanso que compensaria a *ataraxia* e a *aporia* estaria no fim, que não é o termino, mas o objetivo da história. “Tu, porém, vai-te, até que chegue o fim; pois descansará e estarás no teu quinhão ao fim do lado direito” (Dn 12,13).

Não se trata de uma esperança passiva, mas de uma esperança que requer movimento em direção do ‘fim’. Daniel recebe a ordem de caminhar em direção do ‘fim’. [...] A motivação para a esperança escatológica no apocalipse de Daniel não é um convite a passividade, mas à esperança de que a caminhada em direção do ‘fim’, que estabelece o ‘novum’ na história, possibilita a chegada ao descanso, em oposição ao sofrimento, e ao quinhão, em oposição ao domínio (SOUSA, 1998, p. 28).

É fácil de perceber que a proposta da filosofia epicurista está próxima das questões levantadas pelo livro de Daniel, que propõe um olhar específico para vida com um *modus vivendi* de resistência a esta filosofia. Por isso, Flavio Josefo (10,12,435) entende o livro de Daniel como uma correção ao erro dos epicuristas.

PROPOSTAS ESTÓICAS E O LIVRO DE DANIEL

A escola estóica tem como fundador Zenão, por volta do final do século IV a.C., contudo, ela ganha um grande impulso com Crisipo na metade do século III a.C. Mesmo sem muitas informações diretas desta escola nos séculos II e I a.C., podemos citar Panécio de Rodes e Possidônio de Apameia (ao norte do Médio Crescente); conhecemos, ainda, seu florescer no império romano como Sêneca, Musônio, Epiteto e Marco Aurélio. Isso já nos possibilita dizer

que a passagem do estoicismo pelo período helenístico é certo e seguro. Há, ainda, um elemento próprio da filosofia estoica, como defende Sêneca IV,4 (1980, p. 202):

Daí o princípio do qual, nós, estóicos, estamos orgulhosos: o de não nos encerrarmos nas muralhas de uma cidade só, mas de entrarmos em contato com o mundo inteiro e de professarmos que nossa pátria é o universo, a fim de oferecer à virtude o mais amplo campo de ação.

O estoicismo parte do princípio de que tudo que é corpóreo é semelhante a um ser vivo, isto implica em pensar o universo desta maneira. Existiria, então, um sopro vital, que possibilitaria a junção e interdependência das partes, formando em seu todo um só corpo. Este sopro vital seria a alma do universo, pois reteria as partes e garantiria a coesão do todo. Esta alma é identificada por Zenão como a razão, portanto, o universo seria inteiramente racional. A razão universal, o *logos*, possibilita ao mundo ser um único ser vivo, que se concilia e é coerente consigo mesmo, no qual tudo está relacionado a tudo, está em tudo e tem necessidade de tudo. A sabedoria é a adequação da vida ao postulado da razão universal.

O movimento apocalíptico de Daniel se coloca claramente contrário a esta ideia, mesmo porque seu olhar do universo não está no espaço, na matéria, mas nos acontecimentos. O Universo é, portanto, o palco dos acontecimentos e seu todo se envolve na história, mar, terra e céus. O trânsito nestas dimensões do universo é natural, pois os acontecimentos envolvem o todo deste universo. O espírito não é a razão cósmica, universal dos estóicos, mas a força dinâmica do ser. Esta ideia fica mais clara quando a LXX *nishmah* em Dn 5,23 como *pneuma* e Theodócio como *neshamah* em Dn 10,17 da mesma forma. Mas o espírito, vento (os quatro ventos) é força do céu que quebra o reino (Dn 11,4); é a capacitação para ver além do objetivo, além da história como força divina.

Há no teu reino um homem que tem o espírito dos deuses santos; nos dias de teu pai, se achou nele luz, e inteligência, e sabedoria como a sabedoria dos deuses; teu pai, o rei Nabucodonosor, sim, teu pai, ó rei, o constituiu chefe dos magos, dos encantadores, dos caldeus e dos feiticeiros (Dn 5,11).

Tenho ouvido dizer a teu respeito que o espírito dos deuses está em ti, e que em ti se acham luz, inteligência e excelente sabedoria (Dn 5,14).

É, também, o espírito que se abate ou se perturba dentro do “eu”: “No segundo ano do reinado de Nabucodonosor, teve este um sonho; o seu espírito se perturbou, e passou-se-lhe o sono.” (Dn 2,1); “Quanto a mim, Daniel, o meu espírito foi alarmado dentro de mim, e as visões da minha cabeça me perturbaram” (Dn 7,15).

Portanto, esta compreensão do universo como um ser animado é oposta à compreensão do pensamento apocalíptico de Daniel, no qual o universo - terra, mar e céu - é palco dos acontecimentos, que vêm movidos pelo poder supremo do Altíssimo, que estabelece e dirige os acontecimentos; contudo o ser humano pode rejeitar sua proposta, o que seria uma “vergonha de rosto” (Dn 9,7-8), deixando de fazer com que a história se harmonize com a vontade de Deus, que é justiça, perdão e misericórdia.

A ti, ó Senhor, pertence a justiça, porém a nós a vergonha de rosto, como hoje se vê; aos homens de Judá e aos moradores de Jerusalém, e a todo Israel; aos de perto e aos de longe, em todas as terras pra onde os tens lançado por causa das suas transgressões que cometem contra ti (Dn 9,7).

Os estoicos vão compreender a história como uma sucessão periódica de fases, que culmina na absorção de todas as coisas pelo *logos*. Tudo acontece causalmente, o menor dos acontecimentos envolve uma série de causas, com encadeamento de todos os acontecimentos antecedentes, envolvendo todo o universo, sendo obrigado pelo destino. Sêneca (*apud* HADOT, 2012, p. 193) diz: “Os destinos guiam os que o aceitam, arrasta quem a eles resiste.” A liberdade do ser humano estaria na possibilidade de rejeitar; contudo, isso não alteraria os acontecimentos ou a história, porém, ele poderia dar sentido aos acontecimentos.

De maneira geral, o erro, mas também a liberdade situam-se nos juízos de valor que atribuo aos acontecimentos. A atitude moral correta consistirá em reconhecer como bom ou mau apenas o que é bom ou mal moralmente e em considerar nem bom nem mau, portanto indiferente, o que não é bom nem mau moralmente (HADOT, 2012, p. 185).

O indiferente é o que não depende de nós, enquanto o bem e o mau será o que depende de nós, já que só existe o bem e o mal moral. Neste sentido só não é indiferente a intenção moral, que se apresenta como boa ou má.

Para o movimento apocalíptico de Daniel a história é compreendida como uma sucessão de reinos, contudo há uma unidade, representada na estátua em Dn 2 ou nos acontecimentos de Dn 7. Há um *telos*, um alvo final da história, que não é natural, como para os estóicos, mas estabelecido pelas consequências das ações dos poderes hegemônicos, e também do povo. Não há isenção na história, pois o sofrimento é consequência, sobretudo, de não encaminhar a história na proposta do Altíssimo. Ele teria o poder de mudar toda a história, como o fará, até mesmo estabelecendo outra realidade histórica, fora da história dos poderes, estabelecendo outro tempo fora deste tempo.

Estar indiferente ao que não depende de nós, como propõe o estoicismo, é discutido na inquietude dos reis, com relação a Daniel, especialmente, na cova dos leões. É importante chamar a atenção ao fato de que as atitudes de Daniel, em Dn 6, e a dos amigos, em Dn 3, não seguem o princípio da autopreservação. O sábio e entendido é aquele que recebe a instrução do Altíssimo, por um mensageiro, qualificado como “varão, homem”, ser humano do sexo masculino: “Ele me instruiu e falou comigo dizendo: Daniel, vim agora para fazer-te sábio e entendido” (Dn 9,22).

A felicidade está no cumprir o propósito de justiça, perdão e misericórdia do Altíssimo, indo até o tempo do fim, em uma esperança ativa de quem caminha pela história. Pois Deus muda dos tempos e a direção da história, estabelecendo nova ordem, tanto interna, quanto para além dela. “Esta sentença é por decreto dos vigias e por mandado dos santos; a fim de que conheçam os viventes que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer, e até o mais humilde dos homens constitui sobre eles” (Dn 4,17; Hb 14).

Para os estóicos, o segredo para alcançar a felicidade se encontra na máxima de Epiteto (*apud* HADOT, 2012, p. 196): “Não deseje que o que acontece aconteça como queres, mas queiras que o que acontece aconteça como acontece, e serás feliz.” A vida estoica é orientada pela compreensão dos “deveres” ou das “ações apropriadas”:

O que caracteriza a “ação apropriada” é que em parte ela depende de nós, pois supõe uma intenção moral, e em parte não depende, pois seu êxito depende não só de nossa vontade, mas dos outros homens ou das circunstâncias, dos acontecimentos, do destino enfim (HADOT, 2012, p. 197).

É isso que possibilita o filósofo a tomar as decisões do cotidiano.

CONCLUSÃO

Podemos perceber que a filosofia helenística estava bem próxima do Médio Crescente, não apenas por representantes que tinham relação direta com a região, como Filomeno de Gadara, Possidônio de Apaméia e outros, mas pela circulação própria destes pensamentos que vinham acompanhando a forma de expressão da língua grega da época. Contudo, para além disso, podemos perceber elementos do pensamento das escolas epicurista e estoica refletidos nos textos de Daniel, como representante de um movimento de resistência cultural, ideológica e religiosa.

A filosofia helenística possibilitou uma mudança de eixo de pensamento, pois estabelece um olhar para o “indivíduo”, ou seja o ser humano não mais como cidadão

da *polis*, mas um olhar pessoal e subjetivo, onde a “pessoa” se torna o ser atuante, tendo a si mesmo como ponto de partida e alvo a ser alcançado. Esta mudança de eixo vem acompanhada com a realidade proposta por Alexandre de um império universal, o que amplia a participação de “todo ser humano” no pensar filosófico, deixando este de ser uma especulação metafísica, puramente racional e passando a ser o exercício efetivo da “arte de viver”. Por isso, cada proposta filosófica irá trazer consigo um *modus vivendi*, afinal o filósofo não é mais aquele que estabelece um sistema, mas quem estabelece sua vida com base em seu sistema. Este é, talvez, o ponto mais importante do diálogo das filosofias helenísticas com o movimento apocalíptico do Médio Crescente no II século a.C.

Este *modus vivendi* vai refletir no todo da cultura do Médio Crescente, pois a força desta cultura dominante vai influenciar de tal forma, que os espaços de existência, como as cidades, vão se adaptar às novas propostas de estilo de vida. Mas, além disso, não menos importante, temos a tradução dos textos da cultura judaica para o grego, dando, assim, uma roupagem helenista aos conceitos próprios da língua hebraica. A LXX abre um espaço filosófico, com a língua grega, para que se comece a pensar a partir de outros conceitos uma mesma realidade. Não é sem razão que o movimento apocalíptico produz muita literatura para sua época, talvez até os contos de corte tenham sido originariamente escritos em grego, como advoga Albertz (1988), e que mais tarde são traduzidos para o aramaico. Há também uma reação linguística neste movimento, considerando, que com a língua vem todo um universo linguístico e, nele, um mundo vocabular, criando novas realidades conceituais.

Enquanto o epicurismo reduz a existência à “carne”, limitando o ser humano à experiência sensível empírica, o movimento apocalíptico de Daniel o apresenta como um ser que transita em dimensões internas distintas, como sonhos e visões, ou seja, experiências “meta-sensíveis”, nas quais as realidades se confundem, bem como seus tempos. Isto implica também em uma compreensão de divindade que se envolve, não apenas na história, mas também na realidade de existência do ser humano, possibilitando a ele a sabedoria e a compreensão, que lhe permitem perceber para além do tempo e para além da história. Nisto consiste a negação da proposta do remédio quádruplo do epicurismo, pois a sabedoria e felicidade, para o movimento de Daniel, estão na relação com Deus, que abre um espaço para além da existência, ou para outra dimensão de existência.

Há uma reação clara do movimento, também ao estoicismo e sua compreensão do universo como ser vivo, eterno, logo não criado, pois o universo para o livro de Daniel é palco de acontecimentos e sua descrição é mais simbólica, pois é espaço de existência, do que um organismo vivo, portador da *pneuma*. Com

isso a história não pode ser uma determinante absoluta, como o é para estoicismo, mas seu processo é determinado pelos atores, que seguem propostas distintas, muitos desumanizados, exercendo um poder opressor destruidor. Mas, haverá um julgamento da história e o reestabelecimento de uma nova realidade de existência. É neste sentido que o Altíssimo age na história, dando a ela uma nova direção, com a participação direta dos envolvidos no movimento, restaurando a vida e possibilitando nova existência.

Podemos, com isso, perceber que o diálogo do movimento apocalíptico de Daniel foi bem mais intenso do que compreendemos em um primeiro olhar, mas talvez tenham sido estas escolas que tenham dado ao movimento tal vitalidade de produção e discussão de sua percepção de mundo.

THE DIALOGUE BETWEEN DANIEL AND THE EPICUREANISM AND STOICISM

Abstract: the Hellenistic presence in the Middle Crescent was not limited to a political-economic domain, was much more a ideological / cultural domain. So there were some very intense and important reactions, as the apocalyptic movement, which reacted to the proposal by the Hellenistic modus vivendi. One of the important points was the reaction to the philosophies, especially Epicurean and Stoic schools whose ideas are carried eastward through that region. Despite what some scholars think, the philosophical proposals found reactions in the writings of Daniel.

Keywords: *Hellenism. Epicureanism. Stoicism. Daniel. Apocalyptic.*

Notas

- 1 Citando a História da Filosofia de Hegel, Marilena Chauí (2010, p. 23) acompanha esta compreensão.
- 2 Ver Epicuro, Máximas Capitales, X-XIV na edição de Vara (2012, p. 94).
- 3 Para Flávio Josefo 12,435, o livro de Daniel teve como uma das funções primárias mostrar a loucura daqueles que “que não querem que Deus tenha cuidado do que se passa sobre terra”, confundindo, assim, o erro dos epicureus.

Referências

ALBERTZ, Reiner. Der Gott des Daniel: Untersuchungen zu Daniel 4-6 in der Septuaginta-fassung sowie zu Komposition und Theologie des aramäischen Danielbuches. Stuttgart: Verlag Katholisches Bibelwerk, 1988. (Stuttgarter Bibel-Studien 131)

CHAUÍ, Marilena. Introdução à História da Filosofia: Escolas Helenísticas. v. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

- CLAY, Diskin. O Epicurismo: Escola e Tradição. In: GIGANDET, A.; MOREL, P.-M (Orgs.). Ler Epicuro e os Epicuristas. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Loyola, 2011.
- EPICURO. Antologia de Textos de Epicuro. In: Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- HADOT, Pierre. O que é filosofia antiga? 5. ed. São Paulo: Loyola, 2011.
- JOSEFO, Flávio. História dos Hebreus. V. I. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1992.
- KOESTER, Helmut. History, Culture and Religion of the Hellenistic Age. New York/ Berlim: Walter de Gruyter, 1987. (Introduction of the New Testament Vol. 01)
- REALE, Giordanni. História da Filosofia Antiga. V III. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994.
- _____. História da filosofia: Antigüidade e Idade Média. V. 1. São Paulo: Paulus, 1990.
- SÊNECA. Da Tranquilidade da Alma, IV,4. In: Os Pensadores, São Paulo: Abril, 1980.
- SOUSA, Ágabo Borges. O Fim do Mundo no Livro de Daniel: a esperança do Novo. Estudos Bíblicos, Petrópolis/São Leopoldo, 59, 1998.
- TCHERIKOVER, Victor. Hellenistic Civilization and the Jews. Philadelphia/ Jerusalem: The Jewish Publication Society of America/The Magnes Press, The Hebrew University, 1959.
- VARA, José (Ed.). Obras Completas: Epístola a Heródoto, Epístola a Meneceu, Epístola a Pítoles, Máximas Capitales, Sentencias Vaticanas y Fragmentos. 9. ed. Tradução de José Vara. Madrid: Cátedra Letras Universales, 2012.